



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

DAYLANE PEREIRA DOS SANTOS

**“A MODELAGEM DO CORPO”: O PAPEL DA ESCOLA
FRENTE AO ESTIGMA DA ADOLESCENTE GORDA NA
SOCIEDADE**

Amargosa-BA

2024

DAYLANE PEREIRA DOS SANTOS

**“A MODELAGEM DO CORPO”: O PAPEL DA ESCOLA
FRENTE AO ESTIGMA DA ADOLESCENTE GORDA NA
SOCIEDADE**

Trabalho Monográfico apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Thereza Cristina Bastos Costa de Oliveira

Amargosa-BA

2024

DAYLANE PEREIRA DOS SANTOS

“A MODELAGEM DO CORPO”: O PAPEL DA ESCOLA FRENTE AO ESTIGMA DA ADOLESCENTE GORDA NA SOCIEDADE

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado adequado para obtenção do título de licenciada em Pedagogia e aprovada em sua forma final pelo curso de pedagogia.

Amargosa, 20 de agosto de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Theriza Bastos

THEREZA CRISTINA BASTOS COSTA DE OLIVEIRA

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFRB)

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

ORIENTADORA

Ingrid Wink

INGRID WINK

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Maria Eurácia B. de Andrade

MARIA EURÁCIA BARRETO DE ANDRADE

Doutora em Educação pela Universidad Americana (UA, Paraguai)

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Dedico este trabalho a Deus, por pintar o céu de possibilidades em dias de tempestade, e por me mostrar o arco íris após a chuva.

AGRADECIMENTOS

Como tudo na vida depende do acreditar, acreditei que este momento chegaria. Em primeiro lugar agradeço, a Deus, meu fiel escudeiro, por ter sido socorro bem presente.

Em segundo lugar, e de forma especial, agradeço a minha mãe Maria Vanuza, que com seu amor incondicional sempre confiou e acreditou nas minhas conquistas. Não poderia deixar de prestar meus agradecimentos ao meu ex padrasto, que sempre foi meu torcedor número 1. Ainda no meu núcleo familiar, deixo um agradecimento carinhoso a minha tia Lindalva.

Meus amigos: Ademir, Ocean, Edilan, Karina, Maria, Lucilene, Rogério, Maria Luiza, Sara, Edivan, Carol e Maíra, obrigada por todo incentivo no percurso, passei por dificuldades, vivenciei a universidade na sua amplitude, os desafios foram superados e o percurso ficou mais leve porque vocês sempre me fizeram sorrir.

Gostaria de expor a minha admiração e gratidão pela professora, Thereza Bastos, orientadora desse trabalho. Thereza, acreditou no meu potencial e foi de suma importância para meu desenvolvimento acadêmico e pessoal. Aos mestres que estiveram presentes: Eurácia Barreto, Edmila Ferreira, Ingrid Wink e Fernando Henrique Tisque, vocês fazem parte dessa trajetória. Este TCC é o resultado de um esforço pessoal e coletivo. E para finalizar, desejo que este trabalho possa inspirar e contribuir para a educação de modo geral.

“Ser gordo em nossa cultura gera repercussões não apenas na expectativa com saúde e mortalidade, mas gera um ambiente de julgamento e interações que extrapolam qualquer cuidado com a saúde pública e privada. É nesse momento que temos que falar do preconceito, especificamente, o da gordofobia.”
(Silva, 2017, p. 68)

SANTOS, Daylane Pereira Dos. **“A modelagem do corpo”**: o papel da escola frente ao estigma da adolescente gorda na sociedade. Orientadora: Thereza Bastos. 2024. 38 f. il.TCC (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2024.

RESUMO

A presente pesquisa intitulada “A Modelagem do Corpo” : O papel da escola frente ao estigma da adolescente gorda na sociedade, tem como objetivo geral, problematizar a importância de se trabalhar um processo de conscientização por parte da educação. Desse modo, por meio dos objetivos específicos, buscamos compreender como os corpos gordos femininos são observados na sociedade e no contexto escolar, além de, conceitualizar o termo gordofobia; sendo abordado, analisado e investigado o papel e a relevância do universo escolar, desmistificando o preconceito que gravita em torno da mulher gorda. Apoiados nos estudos de Medeiros (2011), Outeiral (1994) e Libâneo (2001) dentre outros autores que estudam e traçam reflexões sobre o tema. Esse trabalho se encontra ancorado sobre princípios da pesquisa qualitativa, sendo assim, como instrumento de levantamento e análise de dados foi utilizado da revisão bibliográfica analisando materiais já publicados sobre o tema. Visto isso, ancorados na obra da autora Malu Jimenez (2007) foi viabilizado questionamentos e reflexão imprescindíveis para a construção da análise desta produção. Por certo, trouxe a concepção de que a gordofobia no Brasil é um problema social e de saúde interferindo diretamente no indivíduo como um todo: corpo, espírito e psique. Na qual, busca um processo de conscientização no tocante às mazelas causadas por esse tipo de preconceito na vida de quem as sofre.

Palavras-chaves: Gordofobia; Corpos Gordos; Preconceito social; Ambiente escolar.

LISTA DE SIGLA E ABREVIATURAS

IOTF- INTERNATIONAL OBESITY TASK FORCE

OMS- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	18
2. CAPÍTULO I: CORPO FEMININO: RUPTURAS E (DES)CONSTRUÇÕES AO LONGO DOS TEMPOS	22
3. CAPÍTULO II- GORDOFOBIA: UM CRUZAMENTO DE VOZES	27
3.1 Adolescência: Uma linha tênue e complexa	28
3.2 A relação entre a gordofobia e as mulheres/adolescentes: um tecido de muitos fios	30
3.2.1 Retratos vivos pintados por mulheres vítimas da gordofobia	33
3.3 Da narrativa pessoal a potencialização acadêmica: memórias que tecem e elucidam as vivências da autora.	36
4. CAPÍTULO III - EDUCAÇÃO ESCOLAR: PORTA DE ENTRADA PARA A CONSCIENTIZAÇÃO ACERCA DO PRECONCEITO QUE RONDA AS MULHERES OBESAS	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

1. INTRODUÇÃO

Envoltos em 'padrões ideais' de corpos, a história da humanidade revela que em diferentes culturas os modos, padrões de corpos e vestimentas foram utilizados como instrumento de padronização social. Dessa forma, a presente pesquisa intitulada "A modelagem do corpo': o papel da escola frente ao estigma da adolescente gorda na sociedade", tem por finalidade discutir o preconceito desencadeado pela obesidade (gordofobia). Sob esse enfoque, recomenda-se neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o estudo desse mote numa acepção mais específica: O papel da escola nesse quesito. Esse critério será convertido no eixo central dessa produção, uma vez apresentados sinais de descaso no trato com o assunto.

A diversidade do corpo social, independente da sua esfera, produz uma sociedade distinta, poética ao público, complexa e clara, multivariada, o que parece harmônico em teoria, se desvirtua na prática. Pois, mesmo em um espaço diversos os padrões definidos por diversos fatores, existem, e modal constantemente a sociedade, o que produz diversas consequências, dentre elas o preconceito aquelas e/ou aquelas que não se incluem nesses padrões. A exclusão social, a falta de espaços adaptados a violência física e psicológica são alguns dos fatores que atingem diretamente a pessoa fora de padrões pré-estabelecidos. Nessa estrutura, a educação assume o papel de protagonista, pois, se torna a primeira linha de defesa dessa problemática, é necessário que a escola, formadora de indivíduos diversos e espaços plurais de educação, esteja pronta interessada para discutir a diversidade e o respeito.

Nesse sentido a escola funciona em duas esferas simultâneas, mas não obrigatórias. Para, Souza e Gonçalves (2021, p.2), "a escola como uma esfera social tende a refletir a realidade sociocultural a sua volta, o que faz dela um espaço fértil para expansão do preconceito. " Os seja, a escola também pode ser um espaço de propagação do preconceito, esse que interfere diretamente na vida escolar das crianças e adolescentes. Em contramão, a escola é um espaço formador e educacional, e precisa combater as formas de opressão interna, mas também para além dos muros. Desta forma, essa produção nos leva a refletir sobre o seguinte problema. Qual o papel da escola no enfrentamento às questões sociais que imprime na comunidade escolar as vozes de adolescentes gordas? E qual a importância de

discutir as pluralidades dos corpos nos diversos espaços? Questionamentos esses que introduziram a intenção pela pesquisa.

Nesse sentido dissertar sobre a gordofobia e o papel da escola nesse problema social se torna mais que necessário, uma vez que o preconceito a pessoas gordas, principalmente mulheres, tem atingido diversas idades da pirâmide etária e contribuído, significativamente, de forma negativa na vida dessas mulheres, principalmente na adolescência, quando as mudanças físicas e sociais chegam como uma enxurrada. Nesse sentido, a escola como formadora e espaço de conhecimento é uma unidade necessária e por extensão obrigatória, para lidar com estereótipos, senso comum, e os desafios enfrentados por adolescentes gordas durante a vida escolar. Assim, trabalhos acadêmicos que dissertem sobre essa problemática social ao mesmo tempo potencializem o papel da escola nessa ação se tornam mais que necessárias, pois, além de existirem poucos trabalhos teóricos sobre o também funciona como subsídio e informação para o problema.

Abordar assuntos que relacione a temática da gordofobia com educação, se torna necessário diante da conjuntura social e dos padrões corpóreos que estruturalmente condicionam a sociedade e, reprimi ainda que de forma indireta, aqueles e/ou aquelas que desviam de um padam pré-estabelecidos, principalmente às mulheres. Assim, o objetivo central dessa monografia é apresentar a importância de se trabalhar um processo de conscientização por parte da educação. Pretende-se aqui, por meio dos objetivos específicos, compreender como os corpos gordos femininos são observados na sociedade e no contexto escolar; conceitualizar o termo gordofobia; abordar, analisar e investigar o papel e a relevância do universo escolar no afã de desmistificar o preconceito que gravita em torno da mulher gorda.

A pesquisa se estruturará em três linhas norteadoras: o corpo feminino em diferentes tempos e locais; o conceito sobre gordofobia e suas repercussões presentes nas adolescentes; e o papel da escola no trato com esses fenômenos. Destarte, a temática envolta nas concepções de gordofobia e educação é inesgotável devido sua amplitude, pois, apresenta várias ramificações (com potencialidade para diversos estudos em diversos subtemas) que nasce desde a natureza do acúmulo da gordura até mecanismos de exclusão e preconceito, atravessando questões como a falta da inclusão social e suas consequências, percebidas nos relatos das pessoas vítimas desse tipo de preconceito.

Nessa perspectiva, esta afirma-se com a convicção de que a consciência humana deve estar apta a averiguar pontos do conhecimento seja pela dedução, empirismo, pesquisa científica, enfim. No âmbito da ciência seda informação, ela pressupõe uma figuração sustentada em base teórica. Demo (1996) postula a pesquisa como “um questionamento sistemático crítico e criativo, mais a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático” (Demo, 1996, p. 34). Ela é um instrumento elementar no processo de construção do conhecimento e o pesquisador precisa adquirir um espírito de busca desse saber, mediante a utilização de variadas fontes dizíveis acerca do mote inquietante.

Desse modo, esse estudo trata-se então, de uma revisão bibliográfica e exploratória com a finalidade de buscar respostas às inquietações em torno do tema pleiteado através de fatos comprobatórios e concretos. Baseada na metodologia de natureza qualitativa esse trabalho tem por finalidade compreender, também, experiências e perspectivas de adolescentes gordas no Ensino Médio, a partir de um recorte espacial local.

Assim, essa produção tem como processo metodológico a realização de levantamento de dados a partir da revisão bibliográfica, realizando a análise de materiais já publicados, em banco de dados como, o google acadêmico, a plataforma scielo e demais publicações online e físicas. Para Lima e Mito (2007) a pesquisa bibliográfica possui grande valia no âmbito das ações qualitativa, constituindo enquanto processo organizado e sistematizado de procedimentos em busca de respostas e assim tornando-se indispensável a consulta de variadas fontes disponíveis que discutem a temática em voga.

Com base nos estudos de Medeiros (2011), Oliveira (2004), Outeiral (1994), mediante a análise e comprovações plausíveis sobre o assunto que trouxe inquietação e que se reveste de inspiração para o método científico na busca do saber. Essa fecundidade é que a consolida como um dado cultural significativo, num amplo espectro de perspectivas e ramificações, demonstra a variedade e rica manifestação e torna merecedora de análises e apreciações mais detidas, no sentido de se apreender a sua significação mais aprofundada e sua conseqüente contribuição para a configuração da cultura linguística. E, no prolongamento da pesquisa evitar-se-á o risco da imprecisão dos fatos e da interpretação dos pensamentos abordados,

portanto, encontrar-se-á respaldo de estudiosos que versam sobre a temática em pauta.

De antemão vale afirmar que para atingir os objetivos e obter respostas a respeito do tema versado - antes da tessitura do texto - foram realizadas leituras, releituras, esquemas, fichamentos, entre outras estratégias. O tema pleiteado e as sindicâncias levantadas foram analisadas, interpretadas e sistematizadas em três capítulos distintos, mas que se completam. Dentro dessa perspectiva, descrevem-se os elementos que compõem os capítulos que preenchem este e esboçam-se, a seguir, as estruturas que os pontilham.

O tema pleiteado e as sindicâncias levantadas foram analisadas, interpretadas e sistematizadas em três capítulos distintos, mas que se completam com o intuito de, na base deles, mostrar principalmente as credenciais do tema em pauta. Dentro dessa perspectiva, descrevem-se os elementos que compõem os capítulos que preenchem este e esboçam-se, a seguir, as estruturas que os pontilham. No primeiro capítulo esquematiza um breve panorama sobre o culto ao corpo feminino em distintas épocas e locais. Em consonância com o primeiro, no segundo capítulo versa acerca da compreensão geral da dicotomia gordofobia x adolescentes que igualmente tem presença acentuada neste trabalho. Ao tratar de questões que envolvem esta última, faz-se pertinente também conceituá-la e retratar suas especificidades. A contextualização ocorre mediante aspectos que permeiam a sua atmosfera sobre o qual vem sendo ilustrado sua definição enfatizando suas características tendo como a mulher a protagonista. Compreender as possíveis causas da gordofobia, o qual se reveste de instrumento de extrema necessidade de investigação consistindo num objeto de análise específica que guiou o rumo das inquietações referidas anteriormente. Já o terceiro capítulo foi destinado para o papel da escola e a discussão em torno dos meios de controle da gordofobia do ponto de vista biopsicossocial imerso em todas as suas particularidades. Partindo desse pressuposto, apresentar-se-á nas linhas deste capítulo a influência da escola problematizando-a uma vez percebido a importância do trabalho da escola nessa seara e as dificuldades enfrentadas por esse público na esfera social quando acometidos por transtorno dessa natureza.

Assim, de forma geral, essa investigação discorre sobre o prisma do conhecimento científico adquirido, fruto da produção do trabalho e expõem-se os resultados dos estudos e das leituras. O texto consiste numa verdadeira fonte de informações. Adentrar nessa seara significa compreender a relevância desse trabalho

para pesquisadores, educadores, acadêmicos e todos que por esse assunto se interessarem. Indubitavelmente, nas linhas e entrelinhas, o texto vai sendo construído com base nestes estatutos. As palavras vão se encaixando tomando forma e sentido ao longo do texto. E servem para de certa forma, acalantar um pouco o coração de mulheres gordas, vítimas do preconceito pois como num movimento cíclico e circular o texto vem defendendo – com base teórica e do senso comum- a importância de um olhar diferente para essas mulheres, no sentido de valorização, respeito, empatia e acessibilidade aos espaços urbanos, a ergonomia, ao lugar de fala, ao consumo de bens materiais e imateriais.

2. CAPÍTULO I: CORPO FEMININO: RUPTURAS E (DES)CONSTRUÇÕES AO LONGO DOS TEMPOS

A modelagem do corpo é assunto que vem sendo extensamente discutido no âmbito social. Com efeito, a questão identitária encontra-se em declínio, fazendo surgir uma identidade corporal “imposta” pela sociedade como um todo. Dessa maneira, convencionou-se chamar a necessidade de corpos padronizados de “culto ao corpo”, cujo processo de mudanças está desarticulado nas bases das sociedades modernas e, conseqüentemente, abalando as referências que davam aos indivíduos a liberdade de pertencer ao próprio corpo, independentemente do seu formato. O “culto ao corpo” é, hoje, preocupação geral, que atravessa todos os setores, classes sociais e faixas etárias, apoiado no discurso da estética e da “preocupação com a saúde” (Castro, 2007, p 30). Estabelecer padrões do que é belo é um fenômeno que atinge a sociedade desde os primórdios da humanidade. Entretanto, algumas variáveis são destacadas nesse processo.

Durante a história da humanidade os padrões de beleza ou o “belo” perpassou por diversas mudanças ao longo do tempo. Esse processo produz o corpo conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade corporal torna-se uma “celebração móvel”, formada e transformada, continuamente, em relação as formas pelas quais a sociedade se apresenta nos sistemas socioculturais que as circundam. Nesse contexto, torna-se pertinente que a identidade corporal encontra - se entrelaçada ao contexto social, ao lado de processos cognitivos de elaboração absolutamente pessoal. “As identidades não são nunca

unificadas[...]. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação”. (Hall, S. 2008, p.108).

Os padrões que tendem a surgir no corpo social, são resultados de diversos e diferentes contextos históricos, seja definido pela indústria da moda, pela estética, na medicina, ou na concepção cultural que define os padrões dos corpos. Em uma breve linha histórica das definições de beleza conseguimos perceber como essas mudanças foram e são atingidas por outras esferas da sociedade. Daí, desenha-se uma linha metódica para explicar sob o prisma dos corpos femininos em diferentes lugares. Egito, Itália, Grécia entre outras.

Na Grécia antiga (500 a.C. a 300 a.C.) consideravam o belo a verdade e a moral, uma conexão entre o interior e o exterior, dessa forma, uma pessoa bela era sinal de um bom caráter, refletindo os valores da civilização. (Medeiros, 2011). Somado a isso, o perfil feminino considerado belo tinha como critério pele clara, coxas avantajadas e seios fartos, bem como, a cintura larga. Ao passo que na Era Vitoriana (1837 a 1901), o “*corset*” bem apertado era obrigatório para manter a cintura.

Padrões de beleza diferentes estiveram sempre expostos nas sociedades. No século XVIII, as mulheres usavam corpete por baixo dos longos vestidos para afinar a cintura, mostrar o decote e os quadris, pois era uma maneira de ficarem bonitas para os padrões exigidos na época (Cassimiro, 2012, p.76).

Nos compêndios da história no Egito antigo (1292 a.C. a 1069 a.C.), a beleza estava interligada ao corpo magro, esbelto, longilíneo, cintura e ombros estreitos e os cabelos deveriam ser longos. Na Era do Ouro de Hollywood (1930 – 1950), as curvas eram bem vistas, cuja cintura deveria ser bem fina. Nos chamados Anos Loucos (década de 1920) já não se (pre)ocupava com curvas, e os seios pequenos eram mais desejados. O visual considerado belo era o andrógino: sem curvas, com seios pequenos e cabelo curto. Para os chineses, a beleza feminina consistia em ter cintura fina, pés pequenos, pele pálida. Na Itália renascença, sinônimo do belo na estrutura feminina concentrava-se num corpo mais arredondado, “*rechonchudo*”, com seios avantajados e quadril largo.

Na década de 60, há uma reviravolta: primava-se por mulheres magras, sem curvas, altas, com aparência de adolescente. E um pouco mais adiante, na década de 80, as supermodelos eram referências, corpo alto, magro, torneado.

É claro que a beleza sempre foi importante, mas ganha uma dimensão avassaladora após os anos de 1980. Vários motivos explicam este fenômeno: a globalização, as melhorias técnicas na área de cosméticos, alimentos e aparelhos de ginástica, os recursos imagéticos e sua penetração em todas as classes sociais, o fato da mulher cada vez mais ingressar no mercado de trabalho e ter renda e autonomia para se dedicar a investimentos estéticos, dentre outros (Berger, 2010, p.72).

O histórico revela ainda que, em 1990, a magreza extrema era a bola da vez, com base em modelos de padrões exibidos nas mulheres das passarelas. E por fim, no Século XXI, impera o predomínio do corpo magro, barriga chapada, seios e nádegas avantajadas.

[...] as revistas femininas, em especial, são meios essenciais para a criação dos padrões estético-corporais ao reproduzirem imagens de mulheres com o corpo magro, reportagens com atrizes ou modelos contando como conseguem manter a forma e a pele perfeita (Flor, 2010, p.6).

O advento do mundo capitalista, fortaleceu-se a ditadura imposta sobre os corpos femininos e com isso o reforço de cunho mercantil. Outrossim, o conceito médico atribuindo a magreza à saúde. “A preocupação com o corpo esbelto – sinônimo de corpo saudável- na contemporaneidade, pode ser compreendida como algo que diz respeito à condição do indivíduo na modernidade” (Castro, 2007 p. 24). Entende-se que na contemporaneidade, para se ter saúde é imprescindível ter o corpo magro. “A justificativa mais comum ao questionar o corpo do outro é a da preocupação com sua saúde” (Rangel, 2018, p. 25). Todos os setores de massa (pre)ocupam-se em remeter ao corpo magro um nível de bem-estar e saúde física.

Todavia, a saúde demanda variadas ramificações preexistentes no indivíduo e todas elas se interconectam e interagem na constituição do mesmo, afirmando sua natureza humana. Nesse sentido, o sujeito é percebido em uma dimensão mais ampla, onde esta, compreende toda a sua composição. Sob esse enfoque, a saúde ultrapassa os muros da estrutura física, pois, inclui a integridade global do ser. A ausência da nutrição de um dos dispositivos aludidos pode-se compreender que ao indivíduo está sendo negado (ou ele a si mesmo) o direito do gozo da plena saúde em

todas as suas vertentes, uma vez, que deve haver o equilíbrio entre elas. Para a Organização Mundial de Saúde (OMS, 1964), 'a saúde é um estado de completo bem-estar físico, além do social e mental, ou seja, não envolve somente a ausência de doenças. Nesse sentido, a saúde não guarda relação com a doença, embora ambas parecerem agir no corpo como que numa atitude de revezamento, contudo, aparentemente a pessoa pode está gozando de saúde física, mas sofrendo de alguma patologia psicológica, afetiva ou social. A ausência de uma nem sempre representa (automaticamente) a presença da outra, tanto no domínio físico quanto no afetivo/psicológico. Por exemplo, um sujeito não entra na lista das pessoas completamente saudáveis quando encontrar-se condicionado a algum tipo de comportamento ou reações que fogem do habitual ou da normalidade, mas encara isso com naturalidade não se atentando para o caráter do problema, logo, se perceberá portando perfeita saúde.

A combinação de corpo ideal fortalecida pela padronização social e por discursos errôneos sobre corpo e saúde, são altamente influenciados e fortalecidos por campanhas publicitárias. Nota-se, em presença de campanhas publicitárias, o investimento na ideia de correlacionar a saúde ao corpo magro. Por, mas que o peso tenha influencia na saúde, isso não é uma verdade absoluta, pois, essas campanhas pecam pelo exagero, pela imposição e pela discriminação para com o corpo gordo, uma vez, que a saúde vai está diretamente ligada a diversos fatores, assim, o formato dos corpos não define saúde humana. É importante ressaltar que no Brasil, 57,25% da população é considerada acima do peso, segundo dados levantados pelo Ministério da Saúde no começo de 2022.

[...] porque houve um momento que se considerou a obesidade como um problema estético e moral para um período em que ela se tornou uma causa de doenças, o objeto de uma argumentação sanitária cada vez mais avançada, de uma lenta, porém contínua, medicalização, até ser finalmente designada como epidemia mundial (Poulain, 2013, p. 157).

Sob esse enfoque, suas técnicas cirúrgicas de mercado se apresentem como soluções. E a partir disso que encontramos a contradição justificada, quando as pessoas que buscam as técnicas cirúrgicas não conseguem o resultado esperado, acabam se frustrando e atribuindo a culpa a si mesmo, por não alcançar o padrão. Os efeitos disso incidem sobre a saúde psicológica, desenvolvendo diversos transtornos que atinge o físico, psicológico e também o poder aquisitivo, uma vez que os

procedimentos estão avançando e ficando cada vez mais caros. Dessa forma, a promoção da saúde não acontece, mas se justifica no lucro, isso deixa explícito que:

[...]a existência de uma ampla gama de procedimentos, como os regimes de emagrecimento e de modelagem do corpo, a multiplicação e disseminação de intervenções estéticas cirúrgicas e cosméticas que “corrigem” narizes, seios e outras partes do corpo, testemunhariam “o poder normalizador dos modelos”. Na “cultura do corpo” há como que um confronto ou embate entre dois ideais distintos: “um desejo maior de conformidade estética”, de um lado, e “o ideal individualista e sua exigência de singularização dos sujeitos”, de outro. (Giacomini, 2012, p.4).

Nessa conjuntura, torna-se válido dissertar sobre a acessibilidade dos espaços públicos e privados além dos bens de consumo e todos os direitos dos indivíduos. Alguns meios são inacessíveis, uma vez, que não são produzidos para atender os diferentes tipos de corpos, isso pode ser exemplificado no transporte público, nas salas de espera, as catracas de acesso e diversos outros elementos que compõem os espaços. Das roupas cada vez menores, as capas de revistas e passarelas estreadas por modelos cada vez mais magras até os assentos em espaços públicos reduzidos e pensados para um grupo, o que atinge o padrão. As companhias aéreas, a título de exemplo, não possuem assentos apropriados, as catracas dos ônibus são estreitas. Uma ação provida de intencionalidades capitalistas. Ou seja, onde cabe mais pessoas, o lucro aumenta., dessa forma, a sociedade assume um discurso indireto de que mulheres gordas deveriam ser privadas de utilizar assentos, colchões, móveis, calçados e lingerie. Cabe a elas emagrecerem para caber nesses espaços.

A possibilidade de esculpir-se ou de desenhar seu próprio corpo é algo que propicia a cada um estar o mais próximo possível de um padrão de beleza estabelecido globalmente, afinal, as medidas do mercado da moda são internacionais (Castro, 2007, p. 28)

Entretanto, ao olharmos com mais atenção e traçarmos um viés crítico, vemos que muitos desses veículos apresentam corpos magros com padrões irrealistas, que assumem, indiretamente, que para uma boa saúde um corpo magro e padronizado é importante. E isso tem afetado substancialmente o público feminino, onde a cobrança é demasiadamente incisiva.

3. CAPÍTULO II- GORDOFOBIA: UM CRUZAMENTO DE VOZES

O presente tópico principia-se, trazendo uma abordagem sobre o conceito de gordofobia de um modo abrangente, e vem apresentando com riqueza de detalhes questões relevantes, expondo a problemática que envolve o conceito em sua aplicação e apresentando pressupostos políticos e ideológicos subjacentes a ele. Assim, despontados no horizonte da sociedade encontra-se toda sorte de preconceito, que saltam aos olhos humanos desde os tempos mais remotos. Sabe-se, que ele vem em forma despudorada, camuflada e\ou escancarada por meio de uma visão estereotipada de uns em detrimento de outros. São eles: preconceito racial, de gênero, de classe social, religioso, contra os portadores de necessidades especiais e, obviamente juntando-se a este ainda se encontra o preconceito contra pessoas gordas – assunto abordado neste capítulo.

No afã de armar um cerco, expõem-se elementos vitais para o esclarecimento do significado do termo gordofobia. Dessa forma, o termo gordofobia denota uma infinidade de coisas, uma vez que ela está presente em todos os segmentos sociais e manifestada nas mais variadas formas. Nesse sentido, torna-se interessante ouvir algumas vozes que ecoam e ressoam relevantes subsídios no que diz respeito a esse mote. Discutir sobre este manifesto - a gordofobia - requer falar de uma coisa imensurável cuja caracterização se dá com base num contexto histórico, político, cultural, ideológico e econômico. Essa integra um ciclo natural que abriga essencialmente variados indicadores, credenciais e até paradigmas. Em outras palavras: uma rede de ideias acerca da gordofobia é descrita cujos predicados não podem passar despercebidos para o fim a que se destina este trabalho. A gordofobia é:

[...] uma forma de discriminação estruturada e disseminada nos mais variados contextos socioculturais, consistindo na desvalorização, estigmatização e hostilização de pessoas gordas e seus corpos. As atitudes gordofóbicas geralmente reforçam estereótipos e impõem situações degradantes com fins segregacionistas; por isso, a gordofobia está presente não apenas nos tipos mais diretos de discriminação, mas também nos valores cotidianos das pessoas. (Silva e Cantisani, 2018, p. 372)

De acordo com Rangel (2018), o conceito de gordofobia em estudos brasileiros, ainda embrionários, pode ser utilizado “para denominar o preconceito, estigmatização e aversão englobados por meio de uma opressão estrutural que atinge as pessoas

gordas na sociedade” (Rangel, 2018, p.1). É importante dizer, ainda que as adolescentes – objeto de estudo dessa pesquisa - são bombardeadas por essas imposições de padrão corporal e tais “dogmas” acarretam inúmeros problemas de ordem psíquica e social, no gripe em questão. Segundo Bock & Teixeira (2001, p 12), em seu livro “Psicologias: Uma introdução ao estudo da psicologia”, o ser humano é dotado de razão e emoção, sobre os quais assentam aspectos físicos, espirituais, emocionais, afetivos, cognitivos, sensoriais, sociais e tais elementos são passíveis de educação.

Todos estes aspectos se interconectam e interagem na constituição do indivíduo, afirmando sua natureza humana primordial. O perfil humano conta com dimensões visíveis aos olhos, que são constituídas pelo comportamento e não visíveis traduzidas nos sentimentos. Além disso, tem-se as dimensões particulares e as gerais. Assim sendo, importante a sociedade se ater a tais fenômenos para compreender as vítimas – adolescentes – da gordofobia, e mais ainda a escola como uma instituição de ensino. Por essa via, é possível também alegar a necessidade de desenvolver um trabalho social e pedagógico com os agressores conhecendo também suas trajetórias, para assim, entender a suposta “causa” de tamanha violência que é o preconceito com o corpo gordo. Isso não significa que a intenção com essa sugestão é afirmar e/ou endossar, uma justificativa, mas sim, tentar pegar o fio da meada e atacar de frente a questão. Pois, os seres humanos são diversos, e em sua diversidade produzem e reproduzem comportamentos que resultam de suas vivências, muitas vezes, que na ação vêm sem compreensão lógica e carregadas de emoção.

No tópico seguinte foi necessário fazer uma breve (re)visita a algumas especificidades da adolescência tendo como destaque a mulher para estabelecer relação entre essa fase e a gordofobia e, obviamente esclarecer qualquer ponto obscuro acerca do tema.

3.1 Adolescência: Uma linha tênue e complexa

A questão identitária citada anteriormente tem sua presença no público objeto de estudo dessa pesquisa: a adolescência. Entretanto, de uma forma um tanto quanto disfuncional, essa é uma fase repleta de altos e baixos, de crises existenciais em maior ou menor grau, mas vividos por todos, indistintamente. A adolescência é marcada por

transformações de *enes* naturezas, que vai desde aspectos físicos, perpassando por questões psicológicas até o limiar social. Conflitos existenciais, desejo de empoderamento, dúvidas quanto à própria personalidade, perda de identidade e afins são exemplos comuns na vida de um adolescente. (Bock e Teixeira, 2001).

Na teoria Piagetiana, o adolescente sente-se antissocial, pois prefere se isolar da família, ficando fechados para conselhos, internaliza pensamentos conflituosos pois, tem o desejo de caminhar sozinho, mas ainda vive sob uma interdependência dos pais e/ou adultos responsáveis por eles. Costumam seguir uma “tribo” que por vezes molda o se comportamento, modos de vestir-se, comunicar-se com o mundo. (Bock e Teixeira, 2001)

É um ciclo marcado por intensas transformações psicológicas, sociais e físicas, que acontece em um período de tempo curto e rápido. Essa fase vai dos dez aos dezenove anos e necessita de vigilância, quanto a todos os elementos aludidos anteriormente. Estar atento a isso, pode gerar uma passagem mais saudável dessa etapa da vida tão recheada de mudanças. Além disso, tornar patente também um discurso que gravita em torno das influencia externas é bastante relevante pois, a família exerce papel fundamentalmente crucial no manejo com essas especificidades que acometem o adolescente.

A imagem da juventude, associada ao corpo perfeito e ideal – que envolve as noções de saúde, vitalidade, dinamismo e acima de tudo, beleza- atravessa, contemporaneamente, os diferentes gêneros, faixas etárias e classes sociais, compondo de maneira diferenciada, diversos estilos de vida. e a fábrica de imagens – cinema, tv, publicidade – ao lado da imprensa escrita, tem, certamente, contribuído para isso. (Castro, 2007, p.112)

Outrossim, a sociedade e a mídia exercem influências na formação do modo de viver desse indivíduo que, por sua vez, naturalmente carrega uma linguagem desprovida de lógica e sentido frente aos impactos das mudanças que sofrem. E diante de um turbilhão de coisas que lhe sobrevém ficam sujeitos a se perder em meio a elas, gerando certo “desequilíbrio” mental. O misto de sentimentos e sensações experimentados pelo adolescente cai por terra o esquema de racionalização como uma linha tênue do mundo real, as “placas vibratórias cerebrais” ecoam em timbres ora intensos, ora inaudíveis e por isso propicio a quadros de depressão. (Araújo et al., 2010).

Para a ampliação do fluxo de informação torna-se pertinente enfatizar que quando se discute a adolescência, detecta-se uma incongruência inerente a essa fase. É cabível indagar a existência de conflitos existenciais. Trata-se da confusão dos traços da personalidade uma vez que apresenta como fio condutor dos atributos fisiológicos e emocionais conforme assinalado no parágrafo anterior.

[...] marcada por intensa “turbulência interna”, [...] — e, na maioria das vezes, o é — um período de “confusão” criadora, em que há o luto da perda do corpo infantil e a estranheza àquele corpo adulto (ele mesmo!) que o adolescente desconhece e deseja, e que vai se constituindo, inexoravelmente. Às mudanças do corpo correspondem mudanças em sua subjetividade. “O novo corpo é habitado por uma nova mente” (José Outeiral, 1994 *apud* Bock e Teixeira 2001).

Ora, e quando se trata de um corpo “rechonchudo”? Nesse tipo corpóreo os nós só aumentam e apertam nos fios “(de)encapados” inerentes a essa fase da vida. Paralelamente, a gordofobia sobremaneira encontra guarita nesses processos mentais e por isso enche o tanque das discussões sociais inundando o ramo da pesquisa científica e razão pela qual merece referência, por excelência. Reconhecendo assim, o caráter da pesquisa como uma abordagem relevante o próximo tópico participará de um painel donde salientar-se-á os desafios históricos e sociais da relação entre a gordofobia e as mulheres adolescentes: causas e repercussões.

3.2 A relação entre a gordofobia e as mulheres/adolescentes: um tecido de muitos fios

Os autores do livro em análise – ora apresentado - versam uma temática intrigante e simultaneamente relevante, o estigma. Eles atribuem ao termo em relevo o sentido de valores de ordem ínfima, desprezível, negativa, pois (pre)ocupam-se em excluir o “diferente” ou o que foge dos padrões ditos “normais” de uma sociedade: o deficiente, o soropositivo, a prostituta, o homossexual e também se enquadra nessa categoria dos estigmatizados, o corpo gordo sendo ainda mais intenso na figura feminina.

O estigma revela que a sociedade tem dificuldade de lidar com o diferente. Esta dificuldade é “perpetuada”, ao longo das gerações, pela educação familiar, pela escola, pelos meios de comunicação de massa, por cada um de nós em nosso cotidiano, o que leva à construção de uma carreira moral para o indivíduo estigmatizado, isto é, sua

identidade vai incorporar este atributo ao qual corresponde um valor social negativo. (Bock & Teixeira, 2001, p.275)

As redes sociais fazem “o favor” de disseminar o preconceito na medida em que elege o corpo longilíneo como o belo. Ser bela é estar ligada às qualidades estéticas, explicitadas nos atributos físicos e que estão constantemente veiculadas pela mídia (Sampaio e Ferreira, 2009.). Tais condições, se inscreveram no imaginário de milhares de adolescentes promulgadas pelo sistema midiático e suas ramificações que direta ou indiretamente exercem influências na mentalidade dessas jovens.

A mídia e a indústria da beleza são aspectos estruturantes da prática do culto ao corpo. A primeira, por mediar a temática, mantendo-a sempre presente na vida cotidiana, levando ao leitor as últimas novidades e descobertas tecnológicas e científicas, ditando e incorporando tendências (Castro, 2004, p.7).

Estar acima do peso na sociedade atual possibilita o despejo dos anseios a todo custo contra tal condição e, paradoxalmente na ilusão da busca pela tão famigerada magreza em seus diversos aspectos. Por outro lado, essa luta por vezes incansável muda a performance da jovem obtida por uma trama que mobiliza todo seu sistema emocional devido aos altos índices de cobrança e das críticas tecidas no seio da sociedade. Isso significa que, o produto de cada individualidade não vem sendo aceito e deferido pela disponibilidade de uma escolha oportuna de ser ou estar em conformidade com sua própria natureza fisiológica. Para Naomi Wolf (2018, p. 23), “o mito da beleza, como muitas ideologias da feminilidade, muda para se adaptar a novas circunstâncias e põe em xeque o esforço que as mulheres fazem para aumentar seu próprio poder”.

Todavia, nota-se que há uma correlação entre a gordofobia e a moral. Ou seja, uma espécie de conjunto de normas que diz o que é certo ou errado, feio ou bonito, segundo ideologias políticas ou sociais. E implica dizer que a aversão às mulheres gordas se enquadra nesse quesito de impor como a mulher deve ter os seus corpos: magros. Já que uma mulher gorda é encarada como uma pessoa feia, suja e preguiçosa.

Em meio a uma sociedade onde a imagem é cada vez mais valorizada e as relações sociais usam as imagens como meio, o corpo torna-se o protagonista, nesse contexto, quanto melhor for o seu corpo maior é a garantia de visibilidade, sucesso, autoestima, saúde e felicidade; enquanto um corpo “feio” e “disforme” é tratado como simples

consequência do desleixo e da falta de vontade de seus "proprietários", que findam por serem tachados de "fracos de vontade" e "desregulados". (Claro e Cols, 2015, p. 1).

A nomenclatura gordofobia ecoa o peso da palavra, principalmente, quando interligada a mulheres adolescentes. Estas que ainda estão em processo de formação/estruturação mental, que ainda não se situou no mundo de forma plena e categórica, que ainda carrega as cicatrizes enraizadas no papel de ser mulher numa sociedade machista, enfrenta o preconceito e a discriminação por possuir um corpo gordo, um corpo fora dos padrões e ideais de beleza. Ainda que a omitam essa visão despidamente, faz-se um recorte para desbravar a sua dimensão no sentido pejorativo das relações interpessoais que afetam agressivamente essa adolescente vítima da gordofobia. Consequências como ansiedade, estresse, transtornos alimentares (compulsão alimentar), baixa autoestima, desejo de isolamento e até pensamentos suicidas são dispositivos comumente acionados no comportamento de mulheres adolescentes gordas.

O Ministério da Saúde (2022) estima que mais de 70 milhões de pessoas no mundo são afetadas por transtornos alimentares (principalmente jovens de 12 a 17 anos) e as mulheres são as mais afetadas, ou seja, por mais que os padrões de beleza tendem a atingir todos, na atualidade, eles se tornam muito mais expressivos em corpos femininos. Como estes corpos femininos são diversos e não atingem ao ideal de corpo hegemônico acaba levando aos transtornos alimentares. Os altos índices de transtornos alimentares estão fortemente ligados a padrões de beleza pois, foi nos "corpos dos desejos", apresentados cada vez mais fortes pela moda e os padrões, não apenas físicos, mas de comportamento social, que as pessoas têm se inspirados, baseando-se no universo mercadológico, econômico em detrimento da cultura. (Jameson, 2006).

Esse é um assunto intrigante que certamente incita a pesquisa. Com efeito, beber da fonte de mulheres reais resume na tentativa de compreender as causas e efeitos da gordofobia por meio daquelas que sentiram na pele. Levada avante, o próximo tópico esmiuçar aspectos fundamentais de algumas protagonistas dessa história, vítimas da gordofobia. Debruçar sobre essa mente, por trás desses corpos femininos gordos decifrando os resultados dessa discriminação no comportamento,

na mente, no emocional, no social e na moral das vítimas. Ou seja, encontrar-se-á nele depoimentos de pessoas vítimas desse preconceito interpretando suas experiências, percalços e entraves instigando a compreensão dos seus papéis e funções e, sobretudo, analisando a relevância de suas figuras no universo social.

3.2.1 Retratos vivos pintados por mulheres vítimas da gordofobia

Nas linhas que seguem será apresentada uma linguagem simples e argumentos regados pelo senso comum, pela vivência e fala de personagens vítimas e/ou “ativistas” em prol do enfrentamento e erradicação da gordofobia. Torna-se pertinente patentear as experiências de mulheres reais, colhidas pela autora através da pesquisa bibliográfica. Experiências essas, que converteram em relatos pessoais e que vem agregar ao sustentáculo teórico deste trabalho, pois, o conhecimento do senso comum e os lugares de fala, daquelas que vivenciaram a gordofobia, também têm poder e força quando se trata de algo que se tornou, lamentavelmente, corriqueiro e banalizado no meio social. Assim sendo, principiar-se-á pela autora do artigo “Lute como uma gorda: Gordofobia, resistências e ativismos”, donde consistiu em fonte bebida para leituras e análises do eixo temático norteador desse estudo: a gordofobia. Trazendo depoimentos/relatos de algumas mulheres que sofreram deste preconceito.

Meu lugar social sempre foi o da “gordinha” da sala, da rua, do grupo, da brincadeira e assim por diante. Lembro que, com uns sete anos, minha mãe me colocou no ballet e, quando tive que colocar aquele collant rosa, [...] coque no cabelo e me olhei no espelho, na aula com outras meninas, me senti muito mal, [...] as coleguinhas riam, e [...] sussurravam que era porque eu era muito gorda e a ponta podia quebrar. A professora não fez absolutamente nada sobre aquele constrangimento e humilhação, pois era o preço que eu, criança gorda, deveria passar por estar daquele tamanho, ou seja, eu merecia aquilo, e é assim que a sociedade vem se comportando com pessoas gordas (Jimenes, 2020, p. 48).

Seguindo ainda nessa linha do lugar de fala, continua a saga dessas mulheres gordas, violentadas pelo preconceito, pela intolerância, pela ausência de empatia.

[...] o tratamento institucional escolar é cruel e violento com crianças gordas. [...] Minha filha chega chorando quase todos os dias. Já a mudei de escola duas vezes, e percebi que não é a escola, é social o negócio. Todo mundo odeia pessoas gordas. Eu também sofro. [...]. Ela emagrece um pouco, mas depois engorda, então a infância da minha filha não é uma infância alegre por causa do preconceito (Denise, 32 anos, 2016 apud Jimenes 2020).

A gordofobia no Brasil é um problema social e de saúde porque interfere diretamente no indivíduo como um todo: corpo, espírito, psique. Positiva e acertadamente ela busca um processo de conscientização no tocante às mazelas causadas por esse tipo de preconceito na vida de quem o sofre. E que isso está camuflado, por vezes até “banalizado” por algumas pessoas que fazem “brincadeiras” de mau gosto com aquelas pessoas que estão obesas.

Fui uma criança triste e solitária. Não tinha amigas nem amigos. Eu era a gorda do mundo que me odiava por eu ser gorda. [...]. Uma vez, a classe colocou bolo na minha cadeira, e eu senti sem ver, me sujei; parecia que tinha feito coco nas calças. As outras crianças gritavam: gorda suja! Gorda suja! Eu quase morri de tanta humilhação e sofrimento naquele dia. A professora me mandou para a diretoria como se eu fosse a culpada por ter passado por aquilo, e a mulher que me atendeu, acho que era a diretora, chamou minha mãe e disse a ela que eu precisava emagrecer para ser aceita na sala, na minha frente. [...] Minha mãe me deixou de castigo e me colocou num regime absurdo para uma menina de 9 anos. Na época, [eu] me culpei também (Denise, 32 anos, 2016, p. 49 apud Jimenes, 2020).

Mulheres gordas que são desvalorizadas como se naquele corpo “gordo” não existisse alma. Os padrões de beleza impostos pela sociedade acabam excluindo essas mulheres do contexto social, negligenciando suas capacidades, sua beleza, sua naturalidade, sua elegância.

Minha filha tem 4 anos e já quer fazer regime. Ela chora, fica se olhando no espelho... Disse-me que as coleguinhas dão risada dela e a professora não faz nada. Teve apresentação na escola de dança no Dia das Mães e ela não quis apresentar, porque disse que a roupa que ela usaria não ficava bonita nela. Eu já não sei o que fazer. Fui uma criança e adolescente gorda, também sofri essa pressão, mas nunca imaginei que, com 4 anos, isso poderia acontecer. O que eu faço? Eu acho que acabo reproduzindo isso também em casa, porque eu sou focada nesse negócio de ter um corpo magro, malho, estou sempre de dieta [para emagrecimento], porque tenho tendência. (Suzana, 36 anos, 2019 apud Jimenes, 2020).

Os argumentos são recentes, mas sobretudo realidades vividas durante a vida inteira, inclusive na adolescência. Segundo Jimenes, (2020, p.50), as mulheres gordas já passam por constrangimentos desde a infância, acarretando traumas, depressão e até suicídios. Segundo ela, a obsessão pelo corpo magro foi elemento real em sua vida. E a luta com a balança constitui uma guerra sem fim que abrange dietas, as

vezes dietas malucas, ações medicamentosas, cirurgias plásticas, bariátricas e afins. Tudo permeado pela imposição social que cultua o corpo esbelto, pelos julgamentos e comentários maldosos das pessoas. Com isso, o campo da saúde ia minando. Efeito sanfona, sentimento de culpa por não conseguir manter a perda de peso, mexia com o seu psicológico. (Jimenes, 2020).

Compete trazer à tona que além de uma questão sócio-política paralelamente a gordofobia é um caso individual pois produz problemas de ordem psíquica, emocional e até moral. Um corpo gordo bombardeado por todos os lados, julgados como descompassados, falta de controle, preguiçoso. Tudo isso corrobora para a redução da autoestima. A mulher gorda fica estigmatizada, a mercê dos olhares e comentários maldosos. Adquire transtornos alimentares e psicológicos, fobia, traumas, medos e afins. Ainda se pode perceber que as mulheres sofrem mais esse tipo de preconceito devido a sociedade patriarcal e inculcar o ideal de beleza para elas estando num corpo magro e esbelto.

Em sentido lato, a gordofobia configurada na rejeição do sobrepeso e obesidade e idolatria na magreza traz em seu bojo sérias consequências de ordem biopsicossocial. Ou seja, atinge o indivíduo nos variados ângulos. E precisa ser encarada como discriminação ética e moral dotada de “verdades” impostas por uma sociedade medíocre e controladora. E as mulheres sofrem preconceito dual: por ser mulher e por ser gorda. Além disso, um ponto digno de nota é a exclusão social. A gordofobia mostra-se vívida, impetuosa e implacável à medida em que se faz presente na falta de acessibilidade nos espaços urbanos, nas catracas de ônibus, na falta de ergonomia de moveis como cadeiras e bancos de praças, escolas, aviões e afins. Também se inclui nessa categoria a dificuldade de encontrar roupas que lhe cabem na ideia de que seria/será necessário emagrecer para caber nelas e não o contrário. Disputas argumentativas para a defesa de um suposto ideal em que culmina em desgastes emocionais, verbais e gera obstáculos incalculáveis.

Incide sobre isso também os comentários maldosos e piadinhas sem noção no intuito de desmerecer a mulher gorda e por vezes intencionalidades implantadas no subconsciente, camufladas. O que se vê são essas intolerâncias, essas “verdades” de cada um em que precisam ser ditas a todo custo sem pesar e nem medir as consequências, algo que sempre existiu no seio da sociedade. Trocando em miúdos: o preconceito está instalado em todas as pessoas, uns com grau maior (quando foge da normalidade ou quando o banaliza impondo superioridade/inferioridade entre os indivíduos) outras

menores quando (in)diretamente exclui, pratica bullying, desrespeita, trata diferente a quem julga "diferente. Não fala abertamente, mas pensa e age nos bastidores.

A valorização da vida em si, de cada corpo como único, como corpo que carrega sua história, afetos e construções, não deve ser considerada ou mesmo esquecida. Cumpre ressaltar a importância no trato com esse assunto imensamente delicado e universalmente conhecido, mas sobretudo, encharcado por números que vêm sendo incrementados a cada dia que passa com tons intensos e doses cavalares de casos encenados por adolescentes.

3.3 Da narrativa pessoal a potencialização acadêmica: memórias que tecem e elucidam as vivências da autora.

A ideia de produzir uma pesquisa com a temática de gordofobia parte de um lugar pessoal, o meu lugar. Pois, assim com diversas outras mulheres, passei por diferentes situações que me formaram a me repensar e me identificar como uma mulher gorda. Levando em consideração, um dos espaços pensados na temática da pesquisa, minhas experiências iniciam-se na escola. A primeira vez que entrei na escola foi um misto de sentimentos. Lembro-me do entusiasmo e da ansiedade, mas também dos olhares carregados de julgamentos.

Ser uma criança gorda no ambiente escolar não é uma tarefa fácil. As "brincadeiras" disfarçadas de preconceito e as falas repletas de exclusão se tornaram parte do cotidiano. Entretanto, sempre tive o meu alicerce: minha mãe, que, como uma leoa, me defendia e me ensinava a enfrentar o mundo. Foi essa rede de apoio que me ajudou a construir a base do ser humano que sou hoje. As experiências de exclusão me fizeram valorizar cada gesto de empatia daqueles que me enxergaram além do físico. Ser fraca nunca foi uma opção. Em meio a tantas adversidades, tornei-me uma criança gentil, amorosa e educada. O ser humano na sua complexidade é resultado das suas características únicas, mas também sociais, os espaços moldam e intensificam, dependente do contexto, a forma e o comportamento das sociedades. A presença de um núcleo familiar e daqueles que me acolheram durante os caminhos é consequência de quem sou.

Quando chegou a transição para a adolescência, eu já me compreendia como uma pessoa gorda, mas agora, mais consciente de que tinha um papel a desempenhar: mostrar à sociedade que somos capazes. Logo, iniciei minha trajetória

na universidade — mais um capítulo das minhas vivências. Ao andar pelos corredores da Centro e Formação de Professores (CFP-UFRB), percebi que vozes de mulheres como eu deveriam ser ouvidas no espaço acadêmico. A cada aula, a cada discussão, minha bagagem teórica e prática crescia, fortalecendo a certeza de que todos os corpos carregam histórias que merecem pertencimento e respeito. Aqui gostaria de destacar a importância da educação e mais precisamente do ensino superior na minha vida.

A escola tem um papel importante na formação do indivíduo, mas, nem sempre os objetivos são cumpridos, assim, o ensino superior funciona como mais uma cache de lidar com os espaços educacionais, agora potencializadas pelo amadurecimento, mas também pela oportunidade de ser protagonista das nossas próprias histórias. Dessa forma, a formação em pedagogia, os diferentes diálogos e o aprendizados com aqueles que dividi o espaço acadêmico durante os últimos anos foram essenciais para meu fortalecimento e compreensão dos meus potenciais como uma mulher gorda e as formas de trabalhar questões como essa em sala de aula. Dessa forma se configurando em uma via de mão dupla, ou seja, ao mesmo tempo em que a graduação me proporcionou tanto enriquecimento acadêmico e pessoal também pude contribuir com minhas experiências com os colegas e professores, além de levar esse aprendizado, agora, para vida profissional.

Toda essa jornada de aceitação e resiliência moldou minha formação humanizada. Este trabalho de conclusão de curso é mais do que uma formalidade acadêmica — é uma página da minha vida que deve ser lida com sensibilidade, saindo dos estereótipos, validando a grandeza de ser mulher, filha, amiga e pedagoga. Uma mulher que sempre acreditou em si mesma, mesmo quando muitos não a enxergaram. Com isso, trago ao meu trabalho a quebra de estereótipos em Amargosa, na Bahia, onde, no comércio local, empurrei as portas da diversidade. Os desafios, os "nãos" recebidos e a falta de credibilidade foram combustível para lutar por mim e por tantas outras mulheres. Venci até onde foi possível, mas sei que ainda há muito a ser feito em termos de inclusão. Finalizo essas memórias com a certeza de que meu trabalho está sendo celebrado de maneira democrática, onde mulheres, adolescentes e crianças estão sendo presenteadas com a representatividade de ser quem realmente são.

4. CAPÍTULO III - EDUCAÇÃO ESCOLAR: PORTA DE ENTRADA PARA A CONSCIENTIZAÇÃO ACERCA DO PRECONCEITO QUE RONDA AS MULHERES OBESAS

Em face da civilização tornou-se possível compreender os instrumentos utilizados pelo indivíduo no terreno do existencialismo, bem como na busca da expressividade, das formas de representação mental, da maneira pela qual concebe e se posiciona no mundo frente às demandas sociais e as individualidades e/ou diversidade. Com efeito, o eixo norteador desse capítulo traz como principal abordagem os rumores acerca da gordofobia numa perspectiva voltada para o papel da educação nesse quesito já que ela tem peso decisivo na sociedade e não pode ser negligenciada. Sendo assim, trata-se da valorização dos traços sócios educacionais e, nessa lógica, articular além de outros mecanismos relevantes para tal objetivo, também detectar a importância de programar estruturas legais para tratar questões relativas às adolescentes gordas de modo que essa primeira esgote a visão preconceituosa, concebida e vivenciada unilateral pelo referido público.

Por essa vertente, cabe asseverar que, pelo do universo escolar é possível conhecer mundos, aprender nas relações interpessoais, e até transcender os limites do corpo coletados do fundo do âmago do indivíduo para o mundo exterior e vice-versa, adquirindo assim, dimensões psicossociais, cognitivas, emocionais e sociais.

E isso não fica alheio aos problemas relacionados a quaisquer tipos de preconceito em especial, a gordofobia. É sabido a posição que a mulher gorda ocupa na sociedade - condição esta que vem sendo causa de pensamentos discriminatórios e um tanto quanto influenciáveis. Ou seja, o que se rezou sobre este público perpetua nas falas preconceituosas e acaba atingindo muitas esferas sociais. Sob esse enfoque essa estrutura será discutida nas poucas linhas que se seguem mediante ajudará na tecitura da resenha sobre a gordofobia e suas especificidades no âmbito escolar.

Em contato com o progresso educacional o indivíduo encontra plenitude e assim resolve seus conflitos de forma natural e ativamente. Com base no desenvolvimento cognoscente ele tem liberdade de ação física e mental, de tomar decisões, agir de maneira transformadora sobre assuntos que tenham significados para si, expões ideias baseadas em pensamento reflexivo e crítico percebendo-se no mundo e compreendendo melhor o ambiente que o rodeia. Realidade também vista

com relação à conscientização sobre a importância de se discutir a gordofobia nos diversos locais inclusive no âmbito escolar como uma das ferramentas para combatê-la. Jimenez traz valiosa contribuição ao afirmar quão é crucial e urgente debater com seriedade esse assunto a todos os envolvidos na comunidade escolar desde a creche.

É preciso levar esse debate para dentro da escola. Acredito que, inicialmente, por meio de formações promovidas por estudiosos e pesquisadores do corpo gordo e da gordofobia. Existe no Brasil um campo de pesquisa chamado Estudos Transdisciplinares das Corporeidades Gordas. E há muitos pesquisadores em universidades brasileiras. Como educadores, temos que ter cuidado para não reproduzir qualquer tipo de exclusão. (Jimenez, 2020, p.55.)

Saindo da esfera teórica e partindo para percepção crítica da realidade, tem-se o preconceito, os estereótipos e o que é denominado atualmente no discurso social de “gordofobia”, percebe-se a extrema dificuldade que pessoas têm na relação com corpos diferentes. Aqui, falando exclusivamente de meninas e estudantes do Ensino Médio a combinação desses fatores tem uma intensidade cada vez mais forte, psicológica e física. Os últimos anos a educação básica, ou seja, a fase do Ensino médio, vem acarretadas de diversas mudanças.

É um período em que os jovens estão mais maduros e prestes a sair da escola e ocupar outros espaços, por mais que seja uma fase onde o foco está na vida pós-escola, o preconceito, infelizmente, não está isento. Falando especificamente da gordofobia, essa tem um efeito grotesco sobre esse grupo. Dessa forma, os problemas com o corpo e com o preconceito alcança muitas meninas nessa faixa etária, trazendo sérios danos à saúde de forma geral. Isso demonstra um reflexo da carga psicológica que atinge esse grupo principalmente quando observamos que a “gordofobia” não reflete apenas no ato claro de preconceito, mas também nas ações veladas que deslegitimam diversas potencialidades dessas meninas.

Alguns fatores são essenciais como a reunião de jovens dentro da escola para debater a gordofobia sua origem e afins bem como a importância do respeito à diversidade corporal. O texto traz valiosas contribuições acerca dos elementos que permeiam e/ou desembocam no universo escolar e suas especificidades no quesito combate à gordofobia, À luz dessas reflexões, ela sustenta sua tese com base em uma história onde a inserção da empatia, do acolhimento, do desabafo, da

solidariedade, do respeito mutuo no cenário escolar encontram-se no cerne da questão, obviamente fazendo jus ao tema do texto. Nas palavras de Jimenez,(2020, p.67)

A gordofobia é um preconceito estrutural e institucionalizado, porque transpassa todas as áreas da vida no cotidiano social. Já que as pessoas gordas não conseguem trabalho, roupas, cadeiras, carreiras, assistência médica, mesmo quando possuem condições financeiras, esse corpo é excluído estrutural e institucionalmente em nossa sociedade contemporânea. (Jimenez, 2020, p.67)

A autora acima aludida sugere um trabalho lúdico com o público infantil para trabalhar com questões concernentes à gordofobia. Ela prepara e aplica oficinas com crianças e pré-adolescentes, conta histórias onde personagem é menina acima do peso que sofre preconceito dentro da escola no intuito de mostrar uma estratégia/saída para resolver situações dessa natureza. Tais ações se arvoram em seu projeto chamado Lute como uma gordinha. Somado a isso, ela implementou uma cartilha sobre a gordofobia no seio das escolas visando apoio administrativo e financeiro para expandir para todas as escolas.

A escola apresenta-se, hoje, como uma das mais importantes instituições sociais por fazer, assim como outras, a mediação entre o indivíduo e a sociedade. (Bock e Teixeira, 2001). Importante é desenvolver um trabalho de conscientização acerca da gordofobia e seus efeitos psicológicos e sociais. Explicar as causas da obesidade – que é multifatorial- tanto par crianças até o adulto. E que ninguém tem culpa de estar acima do peso. De fato, a obesidade consiste num elemento multifatorial que afeta grande parte da população. Ela deságua em questões fisiológicas, genéticas, culturais, psicológicas, socioeconômicas, ambientais, políticas, comportamentais travestidas em hábitos alimentares, etilismo, tabagismo, sedentarismo etc., enfim, faz jus ao título de multifatorial.

As colocações sobre a obesidade que se impõem de imediato são relativizadas no campo social e, sobremaneira, na literatura médica. Não como uma mera retomada mecânica e transitiva, mas, sobretudo com a (re)afirmação da sua necessidade de estudos e pesquisas testemunhando assim maior amadurecimento e\ou entendimento da importância assumida pelo combate à mesma. E no âmbito escolar é crucial planos de ação com vistas à formação do corpo docente e administrativo no preparo para lidar com questões concernentes à gordofobia. Além disso, cabe também nessas

ações a aquisição de instrumentos e materiais ergonômicos apropriados a satisfazer as necessidades físicas dos estudantes adolescentes

Enfim, os corpos se apresentam no espaço além de uma estrutura física, é um arcabouço que carrega memória e os efeitos de uma sociedade que está em constante transformação, a cultura ao corpo e a beleza não se desvincula de diversas outras esferas da sociedade. As consequências e os perigos desse sistema não devem se subordinar ao que é apresentado e aceito como padrão, assim, é preciso atenção dos diversos setores do copo social, a esfera política, educacional e os setores de saúde precisam estar ambos atentos a essa estrutura.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No conjunto da explanação e da análise, alguns pontos se salientaram como essenciais para a conclusão da ideia: o aprendizado das implicações subjacentes no culto ao corpo imposto pela sociedade em diferentes épocas e localidades, a gordofobia e o reconhecimento da necessidade em identificá-la e, a adolescente e suas especificidades e por fim, a irrelevância\minimização de preconceitos em relação corpo feminino gordo por parte da escola. Trouxe a concepção de que a gordofobia no Brasil é um problema social e de saúde porque interfere diretamente no indivíduo como um todo: corpo, espírito, psique.

Positiva e acertadamente, ela busca um processo de conscientização no tocante às mazelas causadas por esse tipo de preconceito na vida de quem as sofre. E que isso está camuflado, por vezes até “banalizado” por algumas pessoas que fazem “brincadeirinhas” de mau gosto com aquelas pessoas que estão obesas. Garimpar aspectos que detalham essas características consistiu num exercício severamente conduzido, que se tornou, porém mais complexo ao tentar captar a dinamicidade da escola, ao mesmo tempo em que se procurou enfrentar o fantasma do preconceito.

Em coerência com os princípios que nortearam esse trabalho, foi possível reforçar a ideia no sentido de que a escola é protagonista de uma desmistificação acerca do corpo feminino gordo que, essencial é comunicar um pensamento, traduzir uma realidade, transmitir palavras de acolhimento e de respeito mutuo e isso independe da origem, mas que, na esteira de novos paradigmas, toda e qualquer ação discriminatória no tocante, à mulher gorda, precisa ser erradicada definitivamente. E

isso rompe os padrões tão alardeados pelas comunidades de diferentes naturezas. Com base nessas reflexões, buscou-se lançar olhares investigativos no intuito de trazer à baila as leituras condutoras da diversidade de informações, enriquecendo os saberes organizados na busca da discriminação que a sociedade revela, apropriando de reflexões no sentido de pavimentar os caminhos que deram respostas às inquietações por meio da descoberta de uma nova maneira de enxergar as relações que entremeiam o mundo da dessas mulheres em todos os ângulos.

Para conferir ao texto uma espécie de manual de instrução, dada a doação de pistas fundamentadas, evidencia-se que vestígios se materializaram amparados nas teorias concebidas e tratadas com as mãos daqueles cuja condição tem propriedade para discorrer sobre o assunto em voga, ou seja, as leituras, condutoras da diversidade de informações, mantiveram relação dialética com o arcabouço teórico e trouxeram contribuições de altíssimo gabarito para o enriquecimento dos saberes organizados e da apreensão do conhecimento buscado. Dessa maneira, apropriou-se de reflexões no sentido de pavimentar os caminhos que deram respostas às investigações preteridas.

Assim, vale destacar que, a intenção desse Trabalho de Conclusão de Curso não foi apresentar argumentos que romantize a obesidade e os desafios que essa condição resulta na vida individual. E sim, problematizar estruturas que cercam e padronizam a sociedade causando impactos significantes na vida de mulheres gordas que não se encaixam na lógica de mercado ou nas concepções de grupos específicos, na usualidade dos seus privilégios. O processo em discussão refere-se à obesidade, destacando que a qualidade de vida não está intrinsecamente ligada à forma corporal, mas sim a fatores relacionados à saúde e ao bem-estar.

No que diz respeito à disseminação de preconceitos, a escola desempenha um papel central, não apenas no ensino de conteúdos acadêmicos, mas também na formação de valores humanos como a empatia, o respeito e a aceitação da diversidade. O espaço educativo deve promover a integração plena das diferenças, preparando os alunos para se tornarem cidadãos que, ao se inserirem na vida social, estejam capacitados a pensar criticamente, produzir e colaborar em ambientes diversos e inclusivos. Diante disso, as estruturas que tramitam entre gordofobia e a escola, como lugar de formação, vai além de integrar setores institucionais e sociais, é a necessidade de formar cidadãos educados academicamente mas com capacidade

de pensamento crítico, necessário para contestação das formas de preconceitos, como bem, devolver a sociedade indivíduos protagonistas da sua própria vida e capazes de promover um mundo mais justo, empático e plural.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L.C.; VIEIRA, K.; COUTINHO, M. Ideação suicida na adolescência: um enfoque psicossociológico no contexto do ensino médio. *Psico-USF*, v.15, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712010000100006> Acesso em: 14 jul 2024.

ARAÚJO, L. S. et al. Discriminação baseada no peso: representações sociais de internautas sobre a gordofobia. **Psicologia em estudo**. v. 23, p. 1-17, Paraná. 2018.

BERGER, M. “**Felicidade é entrar num vestido P**”: culto ao corpo na sociedade urbana contemporânea. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n.19, p.1-384, 2010.

BOCK; FURTADO; TEIXEIRA. **Psicologias**: Uma introdução ao estudo da psicologia. 13 ed. 1999. 3ª tiragem, 2001. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5615614/mod_resource/content/1/bock_psicologias.pdf > Acesso em: 8 de jun de 2024.

CASSIMIRO, E. S.; GALDINO, F. F. S. **As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental**: da Grécia Antiga à contemporaneidade. **Revista Eletrônica Print**, n.14, São João Del-Rei, 2012. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br/revistalable>>. Acesso em: 20 de jun de 2024

CASTRO, A. L. **Culto ao corpo: identidades e estilos de vida**. In: 8 Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais Coimbra. Portugal, 2004.

CASTRO, A.L. **Culto ao corpo e sociedade**: mídia, estilos de vida e cultura de consumo. São Paulo: Annablume, FAPESB, 2007

CLARO, T; et al. **O corpo excludente**: inclusão e exclusão social, 2015.

CODO, W.; SENNE, W. A. **O que é a Corpo(latria)?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

DEMO, Pedro. **Avaliação qualitativa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

FERREIRA, K.Q; SOUZA, C. S. O papel social da escola. **DisciplinarumScientia**. Série: Ciências Humanas, v. 5, n. 1, p. 165-175, 2004.

FLOR, G. **Beleza à venda**: o corpo como mercadoria. **Comtempo**, Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero, n.2, ano 2, 2010.

GIACOMINI, S. M. **O Corpo como Cultura e a Cultura do Corpo**: uma Explosão de Significados. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, p.395-423, 2004.

HALL, S. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. 8ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

JIMENEZ-JIMENEZ, M. L. **Gordofobia**: uma questão de perda de direitos, 2018.

JIMENEZ-JIMENEZ, M. L. **Lute como uma gorda**: gordofobia, resistências e ativismos. Tese (Programa de Pós Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO). Cuiabá: UFMT, 2020.

JIMENEZ-JIMENEZ, L. M; ABONIZIO, J. **Gordofobia e Ativismo gordo**: o corpo feminino que rompe padrões e transforma-se em acontecimento. In: 31 Congreso Asociación Latino America de Sociología ALAS – Uruguay: Universidad de la Republica, 2017.

JIMENEZ-JIMENEZ, L. M. **Mulheres gordas**: práticas de consumo e mercado. In: 9 Encontro Nacional de Estudos do Consumo, Rio de Janeiro: ESPM, 2018.

LE BRETON, D. **L' adieu au corps**. Paris: Métaillié, 1999.

LE BRETON, D. **Entrevista de David Le Breton a Bárbara Duarte**. RBSE 10 (28): 176-184. ISSN 1676-8965, abril de 2011. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>. > Acesso em 12.6.2017.

____. **A Sociologia do Corpo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

____. **Antropologia do Corpo**. 3. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

LIMA, T.C.S DE; MIOTO, R.C.T. **Procedimentos Metodológicos na Construção do Conhecimento Científico**: A Pesquisa Bibliográfica. *Revista Katálysis*. v. 1. p. 37-45, 2007

MEDEIROS, A. C. de. **O ideal de beleza na escultura grega**: reflexões sobre as acepções formais construídas pela sociedade grega. Rio de Janeiro: UERJ, 2011

OUTEIRAL J. **Adolescer**: estudos sobre adolescência, , Porto Alegre: Artes Médicas 1994.

POULAIN, Jean Pierre. **Sociologia da Obesidade**. São Paulo: Senac, 2013.

RANGEL, N.F. de A. **O ativismo gordo em campo**: política, identidade e construção de significados. (Dissertação de Mestrado). Florianópolis: UFSC, 2018.

SAMPAIO, R. P. A. de; FERREIRA, R. F. **Beleza, identidade e mercado. Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v15n1/v15n1a08.pdf>> Acesso em: 15 jun 2024

SILVA, B. L.; CANTISANI, J. R. **Interfaces entre a gordofobia e a formação acadêmica em nutrição**: um debate necessário. **Demetra**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 363-380, 2018.

SILVA, M.O.**Corpo, cultura e obesidade**: desenvolvimento de posicionamentos dinâmicos de si em mulheres submetidas à gastroplastia.[Tese de Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde Instituição de Ensino. Brasília: UNB, 2017.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.